



O “OUTRO” É UM DOM A QUE NOS DEVEMOS DAR

REFLEXÃO QUARESMA DA COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ

“O cristão — na Quaresma — é chamado a voltar para Deus «de todo o coração» (Jl 2, 12), não se contentando com uma vida medíocre, mas crescendo na amizade do Senhor”. Assim começa o desafio que o Papa Francisco deixa a todos os cristãos nesta preparação para a Páscoa de 2017.

1. Não nos conformemos com uma cidadania “mediocre”

A CNJP vem, mais uma vez, dar um contributo para ajudar no exame individual e coletivo que se impõe à Igreja portuguesa, ajudando a perspetivar as palavras do Papa à luz da realidade económica e social do nosso país e do mundo em que nos integramos.

Vivemos num tempo mergulhado numa crise que não se esgota nos fatores económicos e sociais em que muitas vezes nos focamos, mas se caracteriza por uma crescente ausência de valores morais e civilizacionais dados por adquiridos nas últimas décadas.

Esta crise de valores é bem patente, também, na proliferação de uma cultura de violência latente, que em Portugal encontramos num crescendo sistemático e preocupante.

Há algumas décadas diríamos que a violência doméstica se extinguiria com uma geração de homens e mulheres educados numa nova sociedade, que já não pactuaria com um estatuto de submissão da mulher. Seria o fim de uma sociedade onde a baixa literacia e altos níveis de alcoolismo favorecem a propagação do fenómeno.

Hoje, contudo, a prevalência da violência no namoro entre os mais jovens, a par de um crescendo da violência doméstica denunciada e abarcando todos os extratos sociais, provam que o fenómeno não se encontra, afinal, em extinção e terá provavelmente aumentado.

Os inquéritos efetuados ao fenómeno do *bullying* nas escolas e nas relações sociais fazem soar, a todos os níveis, os sinais de alarme. O uso intensivo das redes sociais permite e fomenta entre os jovens sentimentos de controlo e restrições de amizades que os incapacita para a relação interpessoal.

2. Que possam ver que nos amamos

O Papa pede-nos que nos aproximemos da festa da Páscoa com uma alegria autêntica, que brota de uma vida mais coerente em que o “moralismo” dê lugar ao testemunho vivo, merecendo o respeito da própria sociedade que nos rodeia. Respeito que mereciam os primeiros cristãos.

Desses podia dizer-se, com verdade, que, embora aparentemente as suas vidas se confundissem com as dos restantes cidadãos, se distinguiam pela alegria do encontro com o Senhor, pela forma generosa de partilha de tudo entre todos e pela amorosa dedicação de uns aos outros. Vede como eles se amam!

Uma alegria e um Amor ao Outro que não se contentam com a “esmola” daquilo que nos sobra, mas vai à raiz do que de mais precioso podemos dar num tempo de *stress* permanente: o nosso próprio tempo, dádiva que acarreta o anúncio natural do nosso encontro com Jesus, que é ***“o amigo fiel que nunca nos abandona, pois, mesmo quando pecamos, espera pacientemente pelo nosso regresso a Ele e, com esta espera, manifesta a sua vontade de perdão (cf. Homilia na Santa Missa, 8 de janeiro de 2016)”***.

Façamos sincero exame sobre o nosso atuar dentro e fora das Comunidades em que nos integramos.

Dados recentes da autoridade tributária (out. de 2016) mostram que, em média, o rendimento dos que se situam no escalão mais alto do IRS era 142 vezes superior ao do escalão mais baixo.

Não se trata de cultivar a inveja social, mas tão-só de reconhecer a urgência de um despertar mais forte de uma consciência social coletiva capaz de se interrogar sobre a justiça de uma disparidade desta dimensão.

O alerta visa também confrontar-nos com uma outra realidade: em que medida, nas nossas relações sociais e comunitárias, acabamos a replicar o universo mundano e desigual de uma sociedade distinguida e etiquetada entre pobres e ricos, bem e mal sucedidos, poderosos e sem influência, sábios e ignorantes, invertendo a escala que o próprio Senhor nos recomendou.

Como “gestores” do Universo que nos foi dado a todos para guardar, mantendo-o ao serviço da grande família humana, assumimos esse protagonismo de liderança, no cuidado da criação? Ou continuamos indiferentes aos danos causados às gerações futuras ou aos mais pobres de outros continentes?

O texto de Francisco nesta Quaresma não deixa de nos interpelar neste ponto concreto, convidando-nos a não deixar os meios tradicionais (oração, jejum e esmola), mas dedicando um pouco mais de atenção à meditação de uma parábola improvável: a ***“parábola do homem rico e do pobre Lázaro (cf. Lc 16, 19-31)”***. ***O Santo Padre pede: “deixemo-nos inspirar por esta página tão significativa, que nos dá a chave para compreender como temos de agir para alcançarmos a verdadeira felicidade e a vida eterna, incitando-nos a uma sincera conversão”***.

3. Os “outros” são para nós “*um dom*” ou um peso?

Vivemos num momento em que em Portugal se discute abertamente a possibilidade da legalização da eutanásia, com tudo o que ela implica de corte com o reconhecimento de que a vida deve ser inviolável da concepção até à morte natural. Entremos serenamente no debate. Saibamos ouvir sem sobrançeria os receios, os medos, e o desespero alheios, respondendo com a convicção que nos advém da certeza de quem sabe dar as razões da sua esperança.

Na serenidade desse debate aprendamos também a distinguir os múltiplos meios ao dispor do cristão para que este não prolongue um inútil sofrimento, que ninguém defende nem deseja, mas sobretudo demos exemplo prático de apoio empenhado no combate à solidão dos mais idosos e doentes, nas redes de vizinhança sejamos presença atenta e a mão que nas horas de maior sofrimento alivia a dor física e dá esperança e conforto. Pessoas que somos capazes de ouvir e compreender, no desespero de quem nos pede a morte, dando-lhes, pelo contrário, razões adicionais para sentirem que a vida vale a pena.

Que saibamos ser nós os primeiros a bater-nos pelo reforço do serviço nacional de saúde, onde todos tenham acesso e os cuidados paliativos não sejam privilégio, mas sejam acessíveis sobretudo aos mais desamparados em todo o território.

E também pelo apoio às famílias com mais dificuldades em acompanhar os seus. Pela defesa dos apoios à vida com deficiência. Ou na luta por leis laborais mais compatíveis com a conciliação trabalho e família, e pelo reconhecimento pleno do estatuto e do papel do cuidador como elemento decisivo para um genuíno acompanhamento de uma morte sem angústia e dores evitáveis.

4. Lázaro pode chamar-se Aylan ou Galip

Francisco começa a descrição da parábola chamando a atenção para o facto de ser o pobre que merece a descrição mais detalhada:

“encontra-se numa condição desesperada e sem forças para se solevar, jaz à porta do rico na esperança de comer as migalhas que caem da mesa dele, tem o corpo coberto

de chagas, que os cães vêm lamber (cf. vv. 20-21). Enfim, o quadro é sombrio, com o homem degradado e humilhado.

A cena revela-se ainda mais dramática, quando se considera que o pobre se chama Lázaro, um nome muito promissor pois significa, literalmente, «Deus ajuda». Não se trata duma pessoa anónima; (...) Enquanto Lázaro é como que invisível para o rico, a nossos olhos aparece como um ser conhecido e quase de família, torna-se um rosto; e, como tal, é um dom, uma riqueza inestimável, um ser querido, amado, recordado por Deus, apesar da sua condição concreta ser a duma escória humana (cf. Homilia na Santa Missa, 8 de janeiro de 2016)”

O Papa tem insistido na luta contra a globalização da indiferença, algo contra o qual é cada vez mais difícil lutar. Se todos os dias os telejornais nos falam de centenas de naufragos no Mediterrâneo e nos mostram filas e filas de refugiados enregelados a bater à porta da Europa, os nossos corações vão gelando também.

Talvez estremeçam com a imagem de Aylan, o menino de três anos fotografado morto na praia turca perto de Bochum depois de dar à costa, jazendo a poucos metros do seu irmãozinho Galip de apenas 5 anos, também ele trazido pelo mar da morte.

A sua imagem despertou por momentos a nossa atenção. Mas terá sido suficiente para não nos perdermos nos números de uma desgraça sem fim à vista? As estatísticas do Alto Comissariado da O.N.U. para os Refugiados (de 20 de junho de 2016) falam de 65,3 milhões de deslocados em todo o mundo, 21,3 milhões de refugiados, 53 por cento dos quais provenientes de três únicos países (Síria, Afeganistão e Somália).

Até que ponto seremos nós, enquanto cristãos, sinais coerentes e corações abertos que resistam aos discursos xenófobos que grassam por quase toda a Europa?

Portugal está felizmente na linha da frente do acolhimento aos refugiados, designadamente sírios, pela ação concertada de várias entidades (como a PAR). O Serviço Jesuíta de Apoio aos Refugiados mostrava em janeiro como já tinha salvo 157 crianças das atrocidades da guerra e dos perigos do mar (72 famílias colocadas em 62 instituições). Muitos católicos ofereceram-se já para acolher nas suas próprias casas estudantes sírios, permitindo-lhes que continuem em paz os estudos universitários interrompidos com a guerra. São bons exemplos.

5. O perigo da “ganância”

“O apóstolo Paulo diz que «a raiz de todos os males é a ganância do dinheiro» (1 Tm 6, 10). Esta é o motivo principal da corrupção e uma fonte de invejas, contendas e suspeitas. O dinheiro pode chegar a dominar-nos até ao ponto de se tornar um ídolo tirânico (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 55). Em vez de instrumento ao nosso dispor para fazer o bem e exercer a solidariedade com os outros, o dinheiro pode-nos subjugar, a nós e ao mundo inteiro, numa lógica egoísta que não deixa espaço ao amor e dificulta a paz.

Pensemos, por momentos, quantas vezes nos desculpámos com a amoralidade geral para não pagar o imposto devido ou o salário merecido a quem trabalha. Pensemos que na nossa sociedade há cerca de 20 por cento da riqueza nacional que resulta da “economia informal ou paralela”.

Aproveitemos, também, esta Quaresma para eliminar a cumplicidade do nosso coração com a corrupção que grassa na nossa sociedade, sempre defraudando os mais pobres e frágeis dos seus direitos.

Peçamos sinceramente ao Senhor que não nos deixe dormir descansados quando sabemos que dois milhões de portugueses vivem abaixo da linha da pobreza. Não deixemos que nos convençamos facilmente que -o salário mínimo não pode subir, a menos que façamos parte dos muitos que heroicamente conseguem alimentar uma família com o seu parco valor.

Façamos parte dos que ouvindo a Palavra a põem em prática. Esta Quaresma pode ser para cada um de nós e para cada comunidade o momento de conversão que nos chama à mudança de vida. Aprendendo a não repetir o erro do “rico” que pensava ser compatível amar a Deus e ao dinheiro, ao mesmo tempo que a indiferença o levou a só reparar em Lázaro tarde demais.

Lisboa, 7 de março de 2017

A Comissão Nacional Justiça e Paz